

Desempenho Janeiro de 2022



Em janeiro, continuamos a enfrentar um ambiente de grandes desafios: a pandemia, ainda em curso; os índices inflacionários no país e no mundo, os conflitos no leste europeu e, por fim, as eleições presidenciais no Brasil.

Apesar do cenário turbulento e de grande instabilidade, houve um claro descolamento da bolsa brasileira. A Ibovespa subiu 6,98% frente às principais bolsas norte-americanas. Os índices S&P500 e Nasdaq terminaram o mês caindo 5,26% e 8,98%, respectivamente. Essa distinção pode ser explicada em parte pela performance de ativos ligados às commodities, principalmente petróleo e minério de ferro, que subiram 17,27% e 13,21%, respectivamente.

Outro ponto que explica a forte valorização local da bolsa foi o retorno de investidores estrangeiros, com uma abrupta entrada líquida de capital, impactando positivamente os preços dos ativos. Esse impacto pôde ser observado, em especial, nas companhias large caps (grandes empresas) com liquidez como bancos tradicionais, B3, entre outras empresas conhecidas como blue chips. A volta do investidor estrangeiro também teve impacto no valor do real, que apresentou apreciação em janeiro.

Outro ponto positivo para os ativos locais foi a mudança marginal de postura por parte do candidato visto, até a presente data, como favorito nas pesquisas de voto. Com passos mais ao centro e a sondagem de nomes mais qualificados, ligados ao Plano Real, para comandar a economia, a percepção de risco eleitoral por parte do mercado foi reduzida.

Por último, os aumentos da Selic por parte do Banco Central, buscando conter o aumento da inflação, parecem estar próximos do fim. À medida que a inflação dê sinais consistentes de desaceleração ao longo do primeiro semestre, demonstrando que está sob controle, o mercado terá condições de vislumbrar a redução do aperto monetário, o que pode se tornar o principal indutor para a valorização dos ativos de risco doméstico, no curto prazo.

A elevação da taxa básica de juros e o risco fiscal com o aumento de gastos públicos, em ano de eleição, fez com que os títulos públicos brasileiros de longo prazo tivessem abertura de taxa impactando negativamente o resultado da renda fixa marcada a mercado.

No panorama internacional, além das questões relacionadas à pandemia, diversos países têm enfrentado desafios relacionados à inflação. Um claro sinal disso é a postura mais dura do FED (Banco Central dos EUA) ao demonstrar uma maior preocupação com esse cenário, sinalizando a redução dos estímulos monetários. Os agentes de mercado já esperam aumentos na taxa de juros, com cinco altas de 0,25% ao longo deste ano.

Por último, os conflitos envolvendo a Rússia e a Ucrânia causaram um temor global, aumentando a percepção de risco nos países envolvidos nas discussões diplomáticas. Consequentemente, os preços dos ativos de riscos mundiais foram afetados e colocaram o Brasil em uma posição relativamente favorável para se beneficiar de um redirecionamento de alocação de capital entre os países emergentes, beneficiando a nossa bolsa.

Em última instância, os perfis e planos mais expostos à renda fixa marcada a mercado tiveram um desempenho ruim pelos pontos abordados acima. O resultado da bolsa ajudou o retorno daqueles que possuem alocação em renda variável.